

EUROPA OCIDENTAL E RÚSSIA: RELAÇÕES DE PODER

Ana Karolina Moraes da Silva

Renan Silvestro Alencar Silva

Gabriel Rodrigues Peixoto

EUROPA OCIDENTAL E RÚSSIA: RELAÇÕES DE PODER

Ana Karolina Moraes da Silva¹

Renan Silvestro Alencar Silva²

Gabriel Rodrigues Peixoto³

RESUMO

O presente artigo visa analisar as relações de poder entre a Europa Ocidental e a Rússia, perpassando pelos referenciais do pensamento geoestratégico ocidental, a Guerra Fria e chegando até os dias atuais, em que a contra-ofensiva russa frente ao Ocidente se evidencia em iniciativas militares e econômicas. A metodologia utilizada é a revisão bibliográfica de artigos e livros. O principal objetivo é traçar um panorama da disputa geopolítica entre a Europa Ocidental e Rússia que, em última instância, trata-se de um enfrentamento entre modelos político-civilizacionais distintos.

Palavras-chave: Europa Ocidental. Rússia. Geopolítica. Disputa.

1 INTRODUÇÃO

Historicamente, a Europa Ocidental e a Rússia disputam zonas de influência e recursos de poder na geopolítica mundial. Nessas disputas, as trepidações do sistema internacional colocaram a Rússia em uma postura mais defensiva do que ofensiva, principalmente após o desmantelamento da União Soviética, quando o país perdeu grande parte do seu poder de barganha para articulação na política internacional. Essa perda significativa deve-se em parte pelo desmantelamento do seu arsenal militar e em parte pela ferrenha oposição do Ocidente, que não retrocedeu mesmo após a dissolução da URSS e hoje em dia intensifica-se cada vez mais através de organismos como a União Europeia e a OTAN. Entretanto, desde o conflito na Geórgia e mais proeminentemente a partir dos conflitos contemporâneos na Ucrânia e na Síria, a atuação russa na geopolítica mundial tem sido mais assertiva. Neste artigo buscaremos mapear a atual conjuntura da atuação geopolítica russa em seu espaço de interesse imediato, a Eurásia, e como essa atuação ocorre em grande parte como uma resposta ao enfrentamento levado a cabo pela Europa Ocidental e seu aliado, os Estados Unidos.

¹ Graduanda em Relações Internacionais e Integração pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana, e-mail: ana.karolina_morais@hotmail.com.

² Graduando em Geografia – Bacharelado pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana, e-mail: char_aznable@outlook.com.

³ Graduando em Relações Internacionais e Integração pela Universidade Federal da Integração Latino-Americana, e-mail: gabriel.peixoto@aluno.unila.edu.br.

2 O OLHAR OCIDENTAL SOBRE A EURÁSIA: OBJETO DE INTERESSE GEOPOLÍTICO

Em 1904 Halford John Mackinder, geógrafo inglês, publicou o artigo “*The Geographical Pivot of History*” onde postula a teoria do *Heartland*. Defendendo a proeminência do poder da terra sobre o poder naval, em resposta a Alfred Thayer Mahan, Mackinder aponta que o poder sobre a *Heartland*, que corresponde ao atual território russo e partes da Eurásia Central, é condição para o domínio da própria Eurásia, o que ele denomina como “Ilha Mundial”. Mackinder volta os seus olhares ao leste europeu e o identifica como um “portão” para o controle da *Heartland* e resume seu pensamento na seguinte sentença: “*Who rules East Europe commands the Heartland; Who rules the Heartland commands the World-Island; Who rules the World-Island commands the World.*” (MACKINDER, 1919: 150).

Um segundo passo na construção da grande influência na tratativa ocidental com relação à Eurásia é o pensamento de Zbigniew Brzezinski, arquiteto da resistência islâmica antissoviética no Afeganistão, em seu livro “*The Grand Chessboard: American Primacy and its Geostrategic Imperatives*” de 1997, introduz o conceito de “Balcãs Eurasiáticos” em referência as zonas periféricas às fronteiras russas:

The Eurasian Balkans form the inner core of that oblong (portions of southeastern Europe, Central Asia and parts of South Asia, the Persian Gulf area, and the Middle East) ...not only are its political entities unstable, but they tempt and invite the intrusion of more powerful neighbors, each of whom is determined to oppose the region's domination by another. It is this familiar combination of a power vacuum and power suction that justifies the appellation “Eurasian Balkans.” (BRZEZINSKI, 1997: 123).

Brzezinski desloca o conceito de “portão” do leste europeu para a região do Cáucaso e da Ásia Central com miradas ao separatismo checheno (e de outros povos transcaucásicos) e da guerra civil no Tajiquistão com setores islâmicos, com um desejo implícito de repetir o cenário afegão nos antigos territórios soviéticos. De todos os modos a estratégia final é fomentar o caos na periferia das fronteiras russas (BRZEZINSKI, 1997: 87-122).

A sua vez, Nicholas J. Spykman, que inspirado pela teoria do *Heartland* de Mackinder postulou a “Teoria do *Rimland*” ou “Teoria das Frímbricas”, que se define enquanto uma “Geoestratégia da Contenção”, baseada na ocupação das áreas marginais da Europa, Oriente Médio, subcontinente indiano e Extremo Oriente, “a área de contato entre o litoral da Eurásia e o cordão de mares marginais que a cercam” (TOSTA, 1984: 79), o chamado *Rimland* (Frímbricas).

Uma vez ocupado o “*Rimland*” (fímbricas), não seria possível a expansão para a “Ilha do Mundo”, por parte de quem ocupasse o “Coração da Terra” (*Heartland*). Conseqüentemente, não teria acesso ao resto do mundo, ou seja, o “Crescente Exterior ou Insular”. Baseado nessa teoria, após a ocupação do “Coração da Terra” pela URSS, o mundo ocidental passou a ocupar

EUROPA OCIDENTAL E RÚSSIA: RELAÇÕES DE PODER

Ana Karolina Morais da Silva

Renan Silvestro Alencar Silva

Gabriel Rodrigues Peixoto

as “Fímbrias”, com o objetivo de impedir a expansão do comunismo para o restante do globo. (BONFIM, 2005: 72)

A disputa pelo controle do *Rimland* constituiu durante toda a Guerra Fria a disputa entre EUA e URSS e, atualmente, constitui a disputa de poder entre EUA, Rússia e China. A partir da intervenção estadunidense na Líbia e da guerra na Síria a “Geoestratégia de Contenção” definida enquanto “uma participação direta americana no equilíbrio de poder eurasiático para manter divididas e neutralizadas as forças político-militares da Europa e do Extremo Oriente” (MELLO, 1999: 118) se evidenciou. É uma estratégia que se baseia em impedir que outros países disponham de recursos excedentes que possam colocar em perigo a segurança e os interesses estratégicos dos Estados Unidos ao mesmo tempo que o excedente de poder estadunidense é aumentado ou preservado (RODRIGUES, 2017).

3 A OFENSIVA OCIDENTAL ANTIRRÚSSA E A DISPUTA DE PODER NA EURÁSIA

A estratégia geopolítica ocidental é um apanhado de sua teoria geopolítica, na qual a dissolução da nação russa aparece como ponto central na manutenção de um poder marítimo baseado no Atlântico. Na prática, o Ocidente opera de forma indireta por meio de Estados satélite. Se antes da Segunda Guerra Mundial a região central da Europa aparecia como campo de batalha de interesses britânicos a fim de deter a ascensão de um poder “da terra” eurasiático encarnado numa possível aliança entre germânicos e eslavos, a ascensão estadunidense como epicentro de poder do mundo capitalista posiciona a Europa como uma extensão da geopolítica estadunidense a fim de deter tanto a União Soviética quanto impedir que o projeto europeu adquirisse capacidade de disputar a hegemonia no mundo capitalista.

The “European project” was born as the European mode of the Atlantic project of the United States, conceived the day after the Second World, within the spirit of the “Cold War” launched by Washington – a project with which the European bourgeoisie, simultaneously weakened and fearful of its own working classes, aligned itself in a practically unconditional manner (AMIN, 2004: 93).

Já a partir dos anos 60 a aliança atlântica, que se justificava pela “ameaça” militar-ideológica representada pelo bloco socialista, se institucionaliza definitivamente através da União Europeia (UE) e da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Contudo, ao contrário do que acreditou a elite russa no momento da dissolução da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas, a adoção de uma economia de mercado, da liberalização de suas atividades financeiras e a “democratização” das antigas repúblicas soviéticas não mudaram em nada a geoestratégia ocidental com relação a Rússia, a sua tática de incorporação do leste europeu e finalmente a determinação estratégica pelo controle da Eurásia. Tal como cita Samir Amin:

In the first place Russia, whose dismemberment constitutes the United States' greatest strategic objective. The Russian ruling class doesn't appear to have understood this to date. Rather, it seems to have convinced itself that, after having "lost the war," it could "win the peace," just as happened with Germany and Japan. It forgets that Washington needed to help those two adversaries of the Second World War, precisely to face the Soviet challenge. The new circumstances are different; the United States has no serious competition. Its option then is to definitively and utterly destroy the defeated Russian adversary. Could it be that V. Putin has understood this and could Russia beginning to dispel its illusions? (AMIN, 2004: 77).

Não somente a OTAN não foi dissolvida quando cessada a existência do Pacto de Varsóvia como passou a avançar com certa rapidez sobre os territórios antes pertencentes ao bloco socialista, desafiando as acomodações alcançadas com a Rússia na negociação da unificação da Alemanha. Também a União Europeia, a face econômica da aliança atlantista, iria se apressar em absorver parte dos países que recém haviam se aberto às economias de mercado a fim de atraí-los a sua própria lógica política. A junção dessas duas forças numa ação político-militar determinaria a dinâmica de relações com a Rússia pelas próximas décadas.

Já em 1993 ainda com a poeira do Muro de Berlim dispersa pelo ar e num cenário onde a disputa com transfundo ideológico parecia perder sua força, Samuel P. Huntington em sua Teoria de Choque de Civilizações, depois aprofundada no livro “Choque de Civilizações e a Reconstrução da Ordem Mundial” de 1996, procurava dar um impulso de argumento cultural-civilizacional na lógica da construção de supostas zonas de influência global, aparecendo de novo uma contraposição entre a Europa Ocidental e a Rússia. Seus postulados tinham como fim “*establishing conflict between them is a means towards controlling them and eventually absorbing them*” (NAZEMROAYA, 2007).

O cenário de conflitos étnicos que levaram a rebalkanização da então Iugoslávia nos anos 90, com especial atuação da Alemanha recém-reunificada, foram a reedição, com uma roupagem liberal e “humana”, daquela do início do século XX. Se naquela ocasião a balcanização estratégica tinha por função neutralizar os potenciais inimigos britânicos e a ascensão de uma aliança teuto-russa, o cenário dos anos 90 tinha por função evitar que um Estado nacional iugoslavo centralizado nas etnias eslavas se voltasse a uma reaproximação com Moscou. O que a força bélica da aliança entre nacionalistas apoiados pela Alemanha e a atuação direta da OTAN acabaram por destruir, a inclusão apurada dos países recém-independizados na União Europeia acabou por cimentar como sua zona exclusiva de influência.

Seria também a Sérvia, então parte da República Federal da Iugoslávia, o laboratório fundamental para aplicação do **desafio político** teorizado por Gene Sharp, fenômeno que acabou por ficar conhecido por **Revolução Colorida**⁴ e que se alastraria por todo o espaço do antigo bloco

⁴ Série de movimentações políticas baseadas nos postulados propostos pelo escritor estadunidense Gene Sharp em seu manual **Da Ditadura a Democracia**, publicado originalmente em 1994, que propõe a luta não violenta, travada em diversos campos como o social, político, econômico, psicológico e conduzida pelas camadas populares ou mesmo por instituições e que se plasman em protestos, greves, boicotes e marchas que tem como objetivo: a subversão da ordem a fim

EUROPA OCIDENTAL E RÚSSIA: RELAÇÕES DE PODER

Ana Karolina Morais da Silva

Renan Silvestro Alencar Silva

Gabriel Rodrigues Peixoto

socialista com governos aliados a Moscou sendo seus alvos específicos. O fenômeno tomaria lugar na Sérvia (Revolução Bulldozer, de 2000), na Geórgia (Revolução Rosa, em 2003), na Ucrânia (Revolução Laranja, em 2004) e no Quirguistão (Revolução das Tulipas, em 2005) e finalmente, o episódio de processo e repercussões mais violentas até então, *Euromaidan* na Ucrânia em 2014, ademais das tentativas frustradas, sendo a Armênia o último campo de batalha. Sharp em seu livro **Da Ditadura À Democracia: Uma Estrutura Conceitual para a Libertação** nos diz que:

Nonviolent struggle is a much more complex and varied means of struggle than is violence. Instead, the struggle is fought by psychological, social, economic, and political weapons applied by the population and the institutions of the society (SHARP, 2002: 30).

Tal cenário revelou novas táticas de conflito, baseadas na guerra de quarta geração⁵ e na movimentação popular, que pode em seu curso tomar características de Guerra Híbrida (KORYBKO, 2015: 24) – indireta e assimétrica – com um forte componente civil. Estas táticas são utilizadas sem uma hierarquia de ação e são empregadas de acordo com as necessidades que apareçam no palco de operações. Mesmo o cenário de Guerra Híbrida tem os seus principais campos de experimentações em dois dos últimos e principais cenários de atrito entre o Ocidente e a Rússia, a Ucrânia e a Síria.

4 A CONTRA-OFENSIVA RUSSA

Embora seja difícil averiguar os impactos diretos das teorias geopolíticas ocidentais na política externa russa e na sua própria concepção como nação, é na reação às movimentações do Ocidente que as geoestratégias e políticas russas se desenvolvem. Após o caos dos anos 90, lastrada no crescimento econômico na era Putin, a Rússia de forma incipiente passou a se opor ao avanço do eixo EUA-UE-OTAN em direção a suas fronteiras e por meio de estratégias econômico-militares que se complementam e tentam recompor uma aliança com os países da ex-URSS em seu *near-abroad*, seu **exterior imediato** (KULHÁNEK, 2006: 2-14).

Embora encontrando respaldo dos EUA e UE para a retomada do controle da totalidade do território da República da Chechenia, em 2004, este foi um ponto de inflexão que demonstrou uma

da derrocada de determinado governo. Testada pela primeira vez em sua complexidade na Iugoslávia, em 1999, contra o governo de Slobodan Milosevic, se tornou *modus-operandi* usual por diversos movimentos confluentes aos interesses dos EUA ao redor do mundo.

⁵ Termo criado em 1989 pelo então tenente do exército William Lind em seu artigo **The Changing Face of War: Into the Fourth Generation** que se refere à uma guerra de caráter fluído, descentralizado e assimétrico, portanto de caráter não convencional, com grande ênfase no elemento civil para desestabilização do inimigo em questão. Segundo Lind “*Psychological operations may become the dominant operational and strategic weapon in the form of media/information intervention... A major target will be the enemy population's support of its government and the war. Television news may become a more powerful operational weapon than armored divisions*” (1989).

virada na lógica de retrocesso fronteiriço iniciada com a dissolução da União. Em uma ofensiva frente às agressões em suas fronteiras a partir de 2008, quando suas tropas de paz pertencentes à Comissão de Controle Unificado Para o Conflito Georgiano-Osseta e cidadãos com cidadania russa (ou mesmo ainda detentores de passaportes soviéticos) foram agredidos pelas tropas georgianas, que com aparente apoio da OTAN tentavam sobrepor sua soberania sobre as repúblicas de facto independentes da Ossétia do Sul e Abcázia, a Federação Russa iniciou um processo de reorganização a fim de interromper o avanço ocidental e de consolidar uma zona de influência regional que estabilize o cenário político em sua periferia. No ano de 2008 deu-se início ao maior programa de modernização e capacitação das forças armadas desde a queda da URSS, com culminação no ano de 2020 (MATVEEV; RUSAKOVA, 2015). Também no ano de 2011 seria fundada a União Euroasiática com claras intenções de recuperar a hegemonia russa em suas fronteiras imediatas no espaço dos países da Comunidade dos Estados Independentes.

Todavia a avançada ocidental não encontra uma detente. Em 2014 ocorreria a segunda tentativa de Revolução Colorida em território ucraniano, dado ao fracasso eleitoral sofrido pelas elites que haviam ascendido ao poder por meio da Revolução Laranja em 2004, seu primeiro intento. O movimento conhecido por *Euromaidan*, culminação de quase uma década de intensa propaganda pró-europeia, foi desatado pela recusa do presidente Víktor Yanukóvytch, em exercício de seu segundo mandato, em aceitar os acordos de liberalização da economia e desmonte do parque industrial ucraniano exigidos pela União Europeia para uma possível integração ao bloco.

De novo em bases do **desafio político**⁶ teorizado por Gene Sharp, lastrado numa falsa dicotomia de enfrentamento entre ucranianos étnicos e o resto da população e com sua tropa de choque baseada em milícias de extrema-direita com histórico de violência consistente desde a independência ucraniana, o *Euromaidan* acabou por conseguir seu objetivo imediato: a derrubada do governo central pró-Moscou. Todavia, dessa vez, tal movimento padrão acabou por encontrar resistência popular em boa parte do país, principalmente na região da Crimeia e do Donbass, sendo esta uma última região de maioria étnica ucraniana.

Tal resistência acabou por configurar um cenário de guerra civil, conformado num primeiro momento por milícias populares auto-organizadas pelo lado chamado “pró-russo” e os batalhões neofascistas pelo lado “ucraniano”. Em seu transfundo geopolítico, estava dada a possibilidade de OTAN/UE avançar sobre a fronteira de maior importância na parte ocidental russa e dificultar a sua permanência militar na base de Sebastopol, na Crimeia, assim impedindo seu acesso ao Mar Negro e

6 Segundo Sharp o “desafio político” é luta não violenta (protesto, não-cooperação e intervenção), aplicada desafiadora e ativamente **para fins políticos**”. (Tradução nossa, 1994, p. 1).

EUROPA OCIDENTAL E RÚSSIA: RELAÇÕES DE PODER

Ana Karolina Morais da Silva

Renan Silvestro Alencar Silva

Gabriel Rodrigues Peixoto

interrompendo seu acesso naval ao Oriente Médio. Isso ou na lógica geopolítica de Brzezinski demonstrada no Afeganistão, provocar uma ação do inimigo que pudesse ser explorada.

Frente a tal cenário o governo russo se aproveitando dos laços históricos e étnicos, ademais de seu incontestável poderio bélico, acabou por integrar a região da Crimeia ao seu território após a execução de um referendo consultivo entre a população local, em 22 de março de 2014. Por outro lado, a população do Donbass foi deixada de lado, se vendo confrontada tanto pelas organizações político-militares neofascistas, tal como o Batalhão Azov e o Setor Direito, como também agora pelo exército ucraniano. Ao parecer, a Rússia se utiliza da região do Donbass como moeda de troca para uma eventual acomodação política com a Ucrânia a fim de impedir o avanço europeu.

Mesmo antes do *Euromaidan*, já nos demonstrava Alexander Dugin em seu livro **Geopolítica do Mundo Multipolar**, de 2012, a essência e as dinâmicas fundamentais do que se desenhava no horizonte político ucraniano:

Sem a Ucrânia, a Rússia não é suficiente tanto no espaço e estratégia como no sentido político ou demográfico. É exatamente o porquê o Ocidente (e os EUA especificamente) ativamente patrocinou a “Revolução Laranja” na Ucrânia para assim estabelecer um regime que, não obstante, fazia com que todos os interesses vitais dos ucranianos cortassem as relações com a Rússia e integrassem no pacto estratégico-militar da OTAN em um ritmo acelerado (DUGIN, 2012: 101).

O cenário ucraniano revela a maleabilidade e pragmatismo que explicitam a retórica democrática-liberal europeia e delineia parte das forças que passam a se reativar dentro do cenário político continental. Tal como na dissolução da Iugoslávia, a Europa segue patrocinando e treinando grupos explicitamente proponentes de ideologias racistas e xenófobas, aliadas as revoluções civis de aparência democrática, a fim de fazer cumprir seus interesses geoestratégicos. Como desdobramento e continuidade principal na tentativa de criar caos sobre o chamado “regime russo”, a anexação da Crimeia e o não tão claro apoio ao separatismo na região do Donbass, extremo leste da Ucrânia, foram respondidos por uma série de sanções econômicas direcionadas a uma Rússia que agora já se via abalada pela crise de 2008. Se revela todo um padrão de agressão não-linear e não-convencional que permeia diversos espectros de ação em direção a Rússia.

Outro importante cenário de conflito para analisar a estratégia russa de enfrentamento ao ocidente é a guerra na Síria, uma guerra *proxy* (KERR-OLIVEIRA, BRITES & REIS, 2013), marcada pelo fomento do Ocidente ao sectarismo étnico como instrumento de desestabilização do país. A guerra na Síria conta com a participação de múltiplos grupos rebeldes que combatem o governo Assad ao mesmo tempo que disputam territórios entre si em inúmeros *fronts*. Existem grupos rebeldes de composição étnica, como os curdos, bem como um grupo formado por desertores do exército sírio

apoiados pelos turcos, o Exército Sírio Livre - ESL, e grupos fundamentalistas como a Al-Nusra, que contém em sua composição mercenários líbios e chechenos e é ligada a Al-Qaeda, além de ser apoiada pela monarquia saudita (KERR-OLIVEIRA, BRITES & REIS, 2013) e o Daesh, que de 2015 a 2017 controlou a maior parte da porção central do território sírio, sendo um dos grupos rebeldes que mais conquistou territórios contra o governo Assad. Por essa razão, o fundamentalismo é um elemento imprescindível para entender o conflito sírio, uma força política cujas origens remontam às primeiras intervenções ocidentais no Oriente Médio. Além destes elementos, há a participação de potências regionais rivais dentro do Oriente Médio, como a Arábia Saudita e a Turquia, que apoiam grupos rebeldes, e o Irã, que conjuntamente com o Hezbollah, um partido político libanês, forma uma coalizão pró-Assad (KERR-OLIVEIRA, BRITES & REIS, 2013). Trata-se de um conflito com dimensões geoestratégicas, etno-religiosas e históricas, com forças internas e externas ao território sírio se enfrentando em diversos momentos.

De um lado deste conflito estão os Estados Unidos e a Europa Ocidental, que desde 2011 adotaram a oposição ao governo Assad e apoiaram grupos rebeldes convenientemente denominados “moderados”, primeiramente visando a instabilidade e mudança do regime sírio e, conforme o conflito se adensava e a deposição de Assad não se concretizava, fomentando a balcanização do território sírio. Por outro lado, a Rússia foi a grande potência responsável por questionar a unilateralidade estadunidense e impor novos rumos à guerra, o que se deve tanto à qualidade do governo Assad de aliado histórico dos russos, quanto ao posicionamento estratégico que a base naval de Tartus possui. A partir de 2013, conforme Kerr-Oliveira, Brites & Reis (2013) a Rússia passou a ter uma posição mais assertiva no conflito e freou a tendência que se mantinha desde a queda de Kaddafi, na qual o avanço dos interesses dos EUA e de seus aliados seguia sem grande resistência por todo o Oriente Médio.

Desde o início do conflito em 2011 até 2015 o governo Assad sofreu incontáveis perdas territoriais e tudo apontava para a renúncia de Assad e/ou a fragmentação do território sírio. Em setembro de 2015 a Rússia passou a intervir diretamente no conflito, através de ataques aéreos contra alvos inimigos do governo de Assad, e aos poucos as perdas territoriais começaram a ser revertidas pela coalizão pró-governo, composta pela milícia NDF (*National Defense Forces*), o Hezbollah, o Irã e a Rússia. A intervenção russa é decisiva para que a coalizão pró-governo passe a adotar uma estratégia ofensiva, o que pôde ser observado a partir da intensificação das zonas de disputa entre o exército sírio e o Daesh⁷.

Após a retomada de Palmyra e Aleppo, dois pontos-chave do conflito, Assad luta para impedir os avanços dos curdos, e em setembro de 2017 o cerco a Deir ez-Zor foi rompido pelas forças

⁷De acordo com os dados do *Political Geography Now (PolGeoNow)*, site especializado em mapas geopolíticos, disponíveis em: <http://www.polgeonow.com>.

EUROPA OCIDENTAL E RÚSSIA: RELAÇÕES DE PODER

Ana Karolina Morais da Silva

Renan Silvestro Alencar Silva

Gabriel Rodrigues Peixoto

governamentais. Todos esses avanços indicam que a estratégia estadunidense no conflito sírio perdeu sua viabilidade – embora os resultados finais do conflito ainda sigam incertos – pois se nos primeiros anos do conflito a completa fragmentação da Síria parecia inevitável, hoje ela se limita a possibilidade de um Curdistão independente, possibilidade a qual por si só é questionável devido ao posicionamento turco em relação aos curdos. De qualquer forma, os possíveis desfechos representam o desgaste da estratégia estadunidense para o Oriente Médio, a qual avançou por décadas sem grandes impedimentos e encontra hoje, no conflito sírio, um ponto de inflexão.

Além dos elementos militares da contra-ofensiva russa, a chamada “Nova Rota da Seda” que tem os seus maiores articuladores em Pequim, Moscou e Teerã possui potencialidade para redefinir o traçado do fluxo de mercadorias e energia pelo mundo. Enquanto a China é o maior centro produtivo mundial, o Irã somado a Rússia e os demais Estados de sua zona de influência controlam 15% das reservas de petróleo e 50% das reservas de gás globais (OPEP, 2017: 26 e 120). É também latente o aprofundamento das relações sino-russas nos âmbitos defensivo, tecnológico, energético e econômico, processo que tomou uma dinâmica mais acelerada após as sanções antirrussas provocadas pela anexação do território da Crimeia.

Se por um lado o território russo desponta como fornecedor de energia tanto para China quanto para a Europa Ocidental, as novas dinâmicas do capitalismo parecem confluir para aquelas áreas que estão dentro da zona de influência da nação russa. Somada a isso está uma nova onda de integração regional tal como a União Econômica Eurasiática atualmente conformada por Rússia, Belarus, Cazaquistão, Quirguistão e Armênia que dão certo “músculo” e capacidade de atração ao projeto russo, aliada da Organização para Cooperação de Xangai que para além do econômico também pode comportar uma força antagônica à da OTAN e que se estende por toda a Ásia Central e China, chegando a Nova Deli. Todos estes processos no médio prazo podem dar fôlego a nação russa frente a uma União Europeia com sinais de esgotamento e divisão interna.

Portanto a tentativa de isolamento econômico russo, em grande medida por suas dimensões e posição geográfica, se mostraram efetivamente débeis num médio prazo, e o eixo EUA-UE-OTAN recorre a outros métodos para sua desestabilização. Não por acaso em meados de 2016 a OTAN tem estacionada nas proximidades da fronteira russa a maior concentração de tropas desde o fim da Guerra Fria, com especial ênfase na região báltica, sinalizando que apesar de um improvável conflito direto, a União Europeia em sua atual dinâmica pretende manter sua postura ofensiva, e desafiar o gigante russo em suas portas (WYKE, 2016).

Para além disso, os impactos econômicos das sanções antirrussas parecem fazer aumentar a indisposição com o centralismo de Berlim-Bruxelas dentro daquelas regiões mais afetadas pela

impossibilidade de exportação ao território russo, que passam a desafiar os seus poderes centrais no âmbito nacional. Finalmente, a saída da Grã-Bretanha da União Europeia pareceu ser o prenúncio de uma onda de instabilidade no bloco (CHARISIUS, 2016), acompanhada pela ascensão de movimentos nacionalistas nas periferias e até mesmo nos países centrais da UE, principalmente na França, que parecem colocar em cheque a coesão do bloco e ameaçar a sua sobrevivência no longo prazo. A retomada do discurso soberanico e da rejeição dos valores da UE faz com que no horizonte sejam projetados blocos substitutos que podem se sobrepor uns aos outros no espaço europeu (BANKS, 2016).

Há ainda o intento secessionista da Catalunha do Estado espanhol, de matiz independentista notavelmente inclinada ao liberalismo, uma excrescência no atual cenário europeu que talvez encontre um par comum no similar movimento escocês, também levanta perguntas sobre o futuro da Europa. Mesmo se apegando aos valores fundamentais da integração europeia e de fato pleiteando sua submissão imediata ao Tratado de Maastricht, a declaração unilateral de independência catalã fere diversos dispositivos das leis europeias e pode representar um risco à estabilidade e integridade de vários outros membros do bloco que indubitavelmente apoiarão a Espanha sob todas as condições. Todavia, tal postura levanta dúvidas fundamentais sobre os valores democráticos europeus, principalmente frente a sua história e discursos recentes como no caso da desintegração iugoslava.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No atual cenário a Rússia parece despontar como válvula de escape e alternativa de aliança viável de partidos, movimentos e países que compartilham do sentimento euroceticista em ambos espectros da política tradicional e mesmo para dentro dos movimentos políticos antissistêmicos. Mais do que isso, a aproximação entre Moscou e o Oriente desponta como uma possibilidade factível de superação de um projeto europeu ao qual Amin chamou de *“European mode of the United States project.”* (AMIN, 2004: 77). A construção da multipolaridade é vital à permanência integral da Rússia como nação soberana, íntegra e representante de uma alternativa civilizacional ao ocidente e, portanto, eixos de alianças dentro do super-continente eurasiático também se fazem possíveis para Moscou para além daqueles da Europa Ocidental. A aproximação de Moscou com Pequim, Teerã e Nova Deli já se dá por atividades concretas e as ações de caráter agressivo por parte da União Europeia frente aos russos passam a ser um fator de aceleração no aprofundamento de tais relações.

Tal como com a queda de Roma, a manutenção de um ideal de unidade europeia como extensão dos interesses estadunidenses num eventual câmbio hegemônico pode acabar por isolar a Europa dos principais fluxos econômicos mundiais e por fim torná-la em uma provável periferia

EUROPA OCIDENTAL E RÚSSIA: RELAÇÕES DE PODER

Ana Karolina Morais da Silva

Renan Silvestro Alencar Silva

Gabriel Rodrigues Peixoto

político-econômica num novo arranjo do sistema internacional. O belicismo explanado na ação europeia no fenômeno maidanista⁸ e em suas reverberações – mas que por fim são a nova de uma postura permanente por décadas – se mantido pode provocar o colapso econômico, defensivo e energético da Europa, que é altamente dependente da importação de alimentos e manufaturados e, principalmente, da energia russa.

Por outro lado, a postura defensiva e reativa russa oferece ao país uma oportunidade que desde a dissolução da União Soviética havia sido cerceada e que há alguns anos ainda teria sido mal vista pela comunidade internacional – incorporar números e novas tecnologias ao seu arsenal militar – e o avanço da OTAN opera como a principal mola propulsora para esta guinada ao fortalecimento militar da Rússia. Entretanto, nos próximos 15 anos, ainda que a confrontação direta entre o ocidente e a Federação Russa não esteja descartada, o mais plausível é que a tendência do despontamento de novos focos de Guerra Híbrida – conflito de caráter assimétrico, indireto e com forte componente civil – no entorno da fronteira russa sejam multiplicados a fim de isolar o país no seu entorno imediato e com fim maior na possibilidade de contaminar seu cenário político interno. Desta forma, se a política externa russa se caracteriza por ser reativa e estrategicamente defensiva, a dinâmica das relações com a parte do extremo-ocidente eurasiático por parte da Rússia dependerá de forma absoluta da decisão europeia de se desvencilhar de suas alianças atlânticas e encarnar um projeto de poder autóctone ou de manter-se na atual rota de colisão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABROMAITIS, A. **Emergence of Right Sector in Lithuania**. *Katehon*, 01 mar. 2016. Disponível em: <<http://katehon.com/article/emergence-right-sector-lithuania>>. Acesso em: 10 jul. 2016.

AMIN, S. **Geopolitics of contemporary imperialism**. In: *New Worldwide hegemony. Alternatives for change and Social movements*. Buenos Aires: Clacso, 2004.

BANKS, M. **Eurosceptic MEPs suggest creating a 'Nordic bloc' in case of Brexit**. *The Parliament Magazine*, 22 jun 2016. Disponível em: <<https://www.theparliamentmagazine.eu/articles/news/eurosceptic-meps-suggest-creating-nordic-bloc-case-brexite>>. Acesso em: 22 jun. 2016.

BONFIM, Uraci Castro. **Curso de política, estratégia e alta administração do exército (CPEAEx/EAD)**. Rio de Janeiro: Escola de Comando e Estado-Maior do Exército, 2005.

⁸ Em referência a revolução colorida ucraniana de 2014 que levou a queda do governo do então presidente eleito Víktor Yanukóvytch, conhecida por *Euromaidan*.

BRZEZINSKI, Z. **The Grand Chessboard: America Primacy and Its Geostrategic Imperatives**. New York: Basic Books, 1997.

CHARISIUS, C. **Se alzan voces en Francia, Italia y los Países Bajos a favor de una consulta popular**. *Reuters*, 24 jun. 2016. Disponível em: <<https://actualidad.rt.com/actualidad/211233-brexite-fomentar-fiebre-plebiscitaria-europa>>. Acesso em: 24 jun. 2016.

COOPER, J. **Russia's state armament programme to 2020: a quantitative assessment of implementation 2011–2015**. *Sweden Ministry of Defence*. Report no FOI-R--4239—SE, ISSN 1650-1942. March, 2016. 119 p.

DUGIN, A. **Geopolítica do mundo multipolar**. Curitiba: Editora Austral, 2012.

HUNTINGTON, S. **The clash of civilizations and the remaking of world order**. New York: Simon & Schuster Inc., 1996.

KERR-OLIVEIRA, L; BRITES, P. V. P. & REIS, J. A. S. **A guerra proxy na Síria e as disputas estratégicas russo-estadunidenses no Oriente Médio**. *Mundorama*, Divulgação Científica em Relações Internacionais, ISSN 2175-2052. 20 set. 2013. Disponível em: <<http://www.mundorama.net/?p=11595>>. Acesso em: 17 set. 2017.

KORYBKO, A. **Hybrid wars: The indirect adaptive approach to regime change**. Moscou: Peoples' Friendship University of Russia, 2015.

KULHÁNEK, J. **Russia and Near Abroad: Past and Present**. *Association for International Affairs*, dez/2006. Disponível em: <<http://www.amo.cz/wp-content/uploads/2015/11/amocz-RP-2006-121.pdf>>. Acesso em: 25 jun. 2016.

LIND, W. S; NIGHTENGAL, K; SCHMITT, J. F.; SUTTON J. W; Wilson, G. I. **The Changing Face of War: Into the Fourth Generation**. In Marine Corps Gazette, 1989.

MACKINDER, H. J. **Democratic ideals and reality: a study in the politics of reconstruction**. H. Holt, 1919.

MATVEEV, V. RUSAKOVA, T. **The changing Russian army**. *Russia Beyond*, 23 de dezembro de 2015. Disponível em: <https://www.rbth.com/economics/defence/2015/12/23/the-changing-russian-army_553889>. Acesso em: 10 set. 2017.

MELLO, L. I. **Quem tem medo da geopolítica?** São Paulo: Hucitec; Edusp, 1999.

NAZEMROAYA, M. D. **The “Great Game”**: Eurasia and the History of War. *Global Research*, 2007.

NIDECKER, F. **Queda da população pode afetar economia da Rússia**. *BBC Brasil*, 01 abr. 2009. Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2009/04/090401_russiapopulacaobricsfnidecker.shtml> Acesso em: 09 jul. 2016.

OPEC. **Annual Statistical Bulletin**. 52. ed. Viena, 2017.

EUROPA OCIDENTAL E RÚSSIA: RELAÇÕES DE PODER

Ana Karolina Moraes da Silva

Renan Silvestro Alencar Silva

Gabriel Rodrigues Peixoto

RODRIGUES, B. S. **A atualidade geopolítica de Spykman:** política de contenção, equilíbrio de poder e disputa territorial. *Diálogos Internacionais*, 10 abr. 2017. Disponível em: <<http://www.dialogosinternacionais.com.br/2017/04/a-atualidadegeopolitica-de-spykman.html>>. Acesso em: 24 jul. 2017.

SHARP, G. **From Dictatorship to Democracy:** A Conceptual Framework for Liberation. Boston: The Albert Einstein Institution, 2002.

SPUTNIK NEWS. **Vice-chanceler da Alemanha adverte Ocidente de novas sanções.** *Sputnik News*, 04 jan. 2015. Disponível em: <http://br.sputniknews.com/portuguese.ruvr.ru/news/2015_01_04/Vice-chanceler-da-Alemanha-adverte-Ocidente-de-novas-san-es-8147/>. Acesso em: 11 jul. 2016.
_____. **OTAN exigirá que Rússia retire tropas da Transnístria.** *Sputnik News*, 12 jul 2016. Disponível em: <<http://br.sputniknews.com/mundo/20160712/5571227/otan-russia-transnistria.html>>. Acesso em: 12 jul. 2016.

TOSTA, O. **Teorias geopolíticas.** Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1984.

WYKE, T. **NATO assembles its biggest military build-up since the Cold War as more troops are deployed in eastern Europe to deter Russia.** *Daily Mail*, 20 mai. 2016. Disponível em: <<http://www.dailymail.co.uk/news/article-3600442/NATO-assembles-biggest-military-build-Cold-War-troops-deployed-eastern-Europe-deter-Russia.html>>. Acesso em: 15 jun. 2016.